

A COMPREENSÃO DO HOMEM NO PENSAMENTO DE GILBERTO FREYRE*

*Inácio Strieder***

Em 1943 foi publicado um livro de Gilberto Freyre que leva o título “Na Bahia em 1943”. Este livro tem uma história interessante. Gilberto Freyre estava sofrendo uns agravos no Recife por parte de membros do Governo. Foi então convidado por estudantes da Bahia para proferir palestras em Salvador, num gesto de desagravo. Atendendo ao convite, Gilberto pronunciou duas conferências. A primeira, “Em torno de uma classificação sociológica”; a segunda, “A propósito da filosofia social e suas relações com a sociologia histórica”. Estas conferências, juntamente com os discursos que acompanham a visita de Gilberto Freyre à Bahia, formam o livro “Na Bahia em 1943”. Quando este livro foi publicado e começou a ser distribuído no Recife, o Governo mandou que fosse recolhido e jogado ao rio Capibaribe ou queimado. Por isto a obra se tornou rara e seu conteúdo pouco conhecido. Felizmente estas conferências na Bahia, juntamente com outros textos não muito conhecidos de Gilberto Freyre, foram republicados pela Fundação de Cultura da Cidade do Recife, para onde foram encaminhados pelo Professor Edson Nery da Fonseca.

Mas qual é a relação do livro “Na Bahia em 1943” com o tema da minha comunicação? Estou mencionando as conferências

* Comunicação apresentada na Fundação Joaquim Nabuco em Recife.

** Inácio Strieder é Chefe do Departamento de Filosofia da UFPE; Doutor pela Universidade de Munster / Alemanha; Professor de Antropologia Filosófica, Ética, Filosofia da Religião e Filosofia da Natureza.

deste livro porque nelas Gilberto Freyre reúne os elementos fundamentais de sua compreensão do homem. Recolhendo a doutrina que ele expressa ali sobre o homem, chegaremos a alguns dos parâmetros fundamentais que sempre foram o horizonte de sua visão do homem. À base destes textos, verificamos que Gilberto Freyre, em sua busca constante para compreender o homem, recorreu a conceitos da antropologia física, cultural e filosófica.

Como preâmbulo da análise da compreensão freyriana do homem é bom lembrar que Gilberto auto-define-se como escritor. O restante de sua criatividade estaria em função desta sua atividade, a ponto de ele mesmo afirmar que não é sociólogo, nem antropólogo, nem filósofo, mas escritor. Contudo, como escritor, não pretende apenas expor idéias abstratas, mas idéias “com mãos e pés”. Isto é, não idéias desenraizadas, mas idéias concretas de um pensador situado. Por isto, quando fala do homem, ele se refere primordialmente ao homem concreto e não ao homem abstrato de uma filosofia de essências. O homem de Gilberto Freyre é o homem situado, o homem da modernidade brasileira, o novo homem dos trópicos. Contudo, embora centrado no homem concreto e situado, Gilberto não deixa de incorporar em seu pensamento os fundamentos essenciais da antropologia filosófica.

Em sua conferência “Em torno de uma classificação sociológica”, Gilberto constrói os seus argumentos de interpretação a partir de uma interessante classificação sócio-psicológica dos tipos humanos, que ele busca no sociólogo norte-americano Thomas. Não é que ele concorde com tudo que Thomas diz, mas a classificação de Thomas lhe serve de base para uma série de considerações antropológicas. Com base na tipologia de Thomas, Gilberto afirma que “em todas as atividades humanas os tipos se distribuem em ‘boêmios’, ‘filisteus’ e ‘criadores’”. Os boêmios seriam os (homens) instáveis e inconstantes no seu comportamento, movidos por motivos transitórios: os gulosos de novidades, variedade, aventura; os sensuais. Os filisteus, pelo contrário, seriam os conservadores estáveis, constantes, intransigentes na

conformidade com as tradições e os padrões dominantes de vida e cultura, passivamente dependentes dos outros nos modos de pensar e agir. Inimigos de inovações e progressos que perturbem a chamada ordem estabelecida. Os criadores seriam os animados por algum propósito definido, diverso dos dominantes, dos confortáveis, dos fáceis; seriam os animados por alguma visão renovadora ou nova da vida, da cultura, do mundo; seriam os inovadores, os renovadores por excelência.

Na exposição desta tipologia, Gilberto, contudo, adverte que não devemos facilmente enquadrar os homens segundo um ou outro destes tipos, pois, segundo ele, é raro o homem, o grande homem, e mesmo o comum, que não seja em sua personalidade, quando não em sua vida, um boêmio dominado por um filisteu, aliado com um criador; ou um criador em luta contra um boêmio; ou um criador-filisteu atraído por um boêmio, principalmente boêmio na mocidade, e, na idade madura, criador e filisteu, com restos de boemia.

Gilberto ilustra sua reflexão com alguns exemplos, referindo-se ao “criador” Sócrates, em quem teria habitado um boêmio desconcertante, detestado particularmente pela mulher, cujo ideal teria sido um marido filistino, enquanto o Governo e os interesses dominantes da época temiam no velho filósofo universalista principalmente o criador. Em outro exemplo, Gilberto caracteriza, ao lado de outros grandes homens, Santo Agostinho como um grande criador, mas depois de ter sido um dos maiores boêmios de todos os tempos.

Segundo Freyre, os antagonismos tipológicos podem alterar-se no homem com as circunstâncias, a idade, a experiência, os estímulos e as pressões do meio. Desta forma, a vida do homem se caracteriza por elementos transitórios, instáveis e inconstantes. Esta visão do transitório é, certamente, fundamental na compreensão do homem em Freyre.

Gilberto admite que a tipologia exposta em função do indivíduo também se pode aplicar na tentativa de compreensão dos

diferentes povos. Os italianos, por exemplo, se destacariam mais por suas características transitórias, enquanto os anglo-saxões se relacionariam mais com os valores essenciais do homem; características de constância, portanto. Gilberto Freyre gosta de falar dos grandes homens. Mas adverte que nem todos os homens podem ser “grandes homens”. Neste contexto, considera absurda a exaltação do “homem comum”, feita por alguns políticos democratas norte-americanos. Estes políticos propunham o nivelamento de todos os homens ao “deus” da democracia, como diz Gilberto, com o sacrifício dos homens incomuns e excepcionais. Freyre considera este anti-nietzscheanismo tão perigoso como o nietzscheanismo absoluto da exaltação do super-homem.

Em toda esta reflexão o interesse freyriano é tentar melhorar as relações entre os vários tipos de homens. Por isto repudia tanto a fixidez das classes no fascismo como a segregação racial no racismo e a estandartização de todos os homens em “homens comuns” da democracia americana. Nem super-homens, nem homens inferiores, nem a redução de todos os homens a homens comuns, mas o reconhecimento e o estímulo aos homens incomuns e excepcionais. Este deve ser o caminho. É preciso valorizar o homem em função de sua utilidade para a comunidade. Nesta relação do homem para com a comunidade se situa a necessidade do reconhecimento do direito que todos os homens possuem às mesmas oportunidades. Em relação ao aproveitamento destas oportunidades se manifestarão as diferenças individuais de aptidão, de temperamento, de talento, de sensibilidade. As diferenças na via comunitária, segundo Freyre, serão mais de ordem individual, do que de sexo para sexo, de raça para raça, de classe para classe. Nesta descrição do homem comunitário, Gilberto exige que famílias, sexos, raças e classes tenham as mesmas oportunidades, embora nos indivíduos se devam reconhecer características diferenciais. Dali a sua aversão à toda estandartização e massificação do homem, como propunham as

ideologias do “homem comum”, do fascismo e do marxismo dos anos quarenta.

Para Freyre, as diferenças individuais são parte integrante da vida comunitária. Neste sentido, até os boêmios devem ser respeitados, pois na história há fartos exemplos da criatividade desta categoria de homens. Em sua argumentação Freyre cita Bertrand Russell, que teria lutado pelo direito de sobrevivência dos “vagabundos” boêmios, propondo que a sociedade filistina não lhes desse apenas esmolos, mas subvenções. Isto porque entre eles poderia ocultar-se um novo Francisco de Assis ou um Raimundo Lullo, presenças sempre necessárias entre os homens viciados pelo capitalismo, dominado pelos impulsos filisteus.

Para Gilberto, a saúde e o bem-estar social dependem do equilíbrio harmonizado entre os três impulsos tipológicos da boemia, da criatividade e do filistinismo.

Especificamente em relação à Bahia, Gilberto proclama que ela não é apenas a Bahia de todos os Santos, mas a Bahia de todos os homens, o maior laboratório humano da América, em que se fundem todas as raças, todos os sangues, todas as aspirações que enriquecem a cultura brasileira. Ali o homem sabe saborear a sua vida e não se gasta apenas em “fazer” isto ou aquilo, rodeado de máquinas e arranha-céus, num trabalho ininterrupto, inimigo de todo vagar e lazer. O homem não pode ser apenas feliz quando em movimento, num ativismo esgotante, na ambição dos grandes lucros. O homem precisa também de lazer e vagar. E nisto, segundo Freyre, o baiano é mestre.

À base desta descrição do homem baiano, Gilberto exclama: “Deus nos livre da filosofia ativista que reduza o brasileiro a ‘*homo faber*’: o homem que fabrica, o homem que faz isto ou aquilo, o homem que apenas produz monotonamente esta ou aquela coisa, o homem sem paciência para gozar a representação de ‘O Pato Selvagem’, ou honrar à mesa uma moqueca baiana”.

Após isto Gilberto propõe o que em seu pensar, provavelmente, deveria ser o ideal para todos os homens: “fabricar e produzir o bastante para a sua vida. Para as necessidades da vida e da cultura humanas. Nunca para os excessos furiosos de lucros individuais ou nacionais, através das competições, em torno de expansão e de exportação de produtos que trazem a guerra, as fomes, as grandes misérias. Tudo isto, muitas vezes, é pura rapacidade”.

É interessante que Gilberto Freyre, já em 1943, pense assim, pois hoje, quando se participa de congressos latino-americanos de filosofia, é exatamente isto que se afirma. Não mais, somente, em relação ao homem baiano, mas em relação ao homem latino-americano. Os filósofos latino-americanos afirmam que seria uma selvageria para com o homem latino-americano reduzi-lo apenas ao “*homo faber*”. A um ativismo desgastante do tipo tecnológico-capitalista. A cultura tipicamente latino-americana seria uma cultura da “festa”, em que o homem celebra tudo. A própria vida só é vida realmente humana quando se preservam os valores da “festa”, isto é, do lazer, do gozo da vida, da celebração. Uma vida do “estar” e não puramente do “ser”. Gilberto Freyre já intuiu muito antes dos filósofos latino-americanos de hoje o perigo do ativismo, da agitação desumana a que o capitalismo tecnológico nos condicionaria.

Mais especificamente em relação à antropologia filosófica, encontramos as idéias de Freyre esparsas por toda a sua obra. Nas conferências na Bahia, ele recorre a Pascal e cita a passagem em que este filósofo afirma que o homem é apenas um caniço, mas um caniço que pensa. Concorda Freyre com Pascal de que a grandeza do homem está em pensar. Mas nos adverte que Pascal também nos aconselha em não nos contentarmos com o raciocínio, nem com o pensamento, mas em cremos, ou, pelo menos, em agirmos como se crêssemos. Pois o homem possui desejos que não se satisfazem nas ciências, nem na filosofia, mas na fé, nas igrejas, nos partidos misticamente políticos, no fervor

pelos grandes causas. Estes desejos, para Gilberto, são necessidades humanas constantes. O homem deve harmonizar as suas críticas, dúvidas e análises com a repetição das palavras e gestos comovedores de suas liturgias. O puro racionalismo e o simples objetivismo geram insatisfações insustentáveis no homem.

A sociologia puramente objetiva ou matemática não resolve o mistério do homem, animado, muitas vezes, pelo idealismo, o sentimentalismo e o romantismo. Na verdade, as idéias e os ideais do homem têm “mãos e pés”. Isto é, o homem é alguém que deve ser definido a partir de suas realização e do chão em que pisa. Dali a constante necessidade de reinterpretar o homem através da história, da relação com o meio ambiente, que condicionam, até certo ponto, as relações interumanas.

O homem concreto, objeto principal da análise freyriana, é o homem dos trópicos, o homem da morenidade brasileira. Por isto Gilberto Freyre é o pai da tropicologia e, por que não dizer, o pai da antropologia sociológica, cultural e filosófica tipicamente brasileiras.